

Amilenismo

Gary North

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O amilenismo é a interpretação de profecia mais amplamente sustentada, primariamente porque os católicos romanos geralmente sustentam-na, embora raramente discutam escatologia. Os luteranos também acreditam nela. Os episcopais, como os católicos romanos, raramente têm enfatizado a escatologia, de forma que o amilenismo tem vencido por padrão. Os calvinistas europeus (hoje, isso significa principalmente calvinistas holandeses) têm sustentado-o por dois séculos. Eles têm sido os maiores expositores do sistema amilenista no século vinte.

O amilenista crê que o próximo grande evento escatológico será o Segundo Advento de Jesus Cristo no julgamento final. A série especial de eventos que é chamada de arrebatamento pelos dispensacionalistas é identificada pelo amilenista como precedendo imediatamente ao julgamento final. Como o pré-milenista e pós-milenista, ele crê na segunda vinda de Cristo nas nuvens, a quem os vivos e mortos em Cristo serão levados. Como o pós-milenista, mas diferente do pré-milenista, ele não crê que esse evento especial acontecerá mil anos antes do julgamento final. Ele acontecerá no dia do julgamento final. Isso é o mesmo que dizer que ele nega que haverá qualquer descontinuidade escatológica entre hoje e um pouco antes do Segundo Advento (julgamento final). Haverá continuidade histórica para o evangelho. Diferente do pós-milenista, mas como o pré-milenista, ele insiste que essa é *uma continuidade de declínio cultural e derrota para o Cristianismo* até que Jesus venha novamente.

Autores amilenistas têm escrito pequenos livros que misturam escatologia pessoal (morte, ressurreição e julgamento final) com escatologia cósmica (profecia do Novo Testamento, a Igreja, o Segundo Advento, julgamento final e o mundo além). O que está conspicuamente ausente em todos eles é uma exposição amilenista *detalhada* da era do Novo Testamento, desde a queda de Jerusalém em 70 d.C. até o Segundo Advento. *A Bíblia e o Futuro* (1979), de Anthony Hoekema, tenta isso, mas não de uma forma sistemática ou exegética abrangente, e mesmo assim está praticamente sozinha na tentativa. Não estamos dizendo que os amilenistas não possuem uma filosofia de história. Eles possuem, mas ela é raramente discutida e nunca desenvolvida em detalhe ou usada para desenvolver uma teoria social distintamente amilenista.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

Deixe-me oferecer um exemplo da abordagem amilenista às questões do resultado do evangelho na história. Existe um livro, escrito por um amilenista, com o título *A New Heaven and a New Earth* [Um Novo Céu e uma Nova Terra].² O título é tirado de uma frase bíblica escatológica. Essa frase aparece duas vezes no Novo Testamento (2Pe. 3:13; Ap. 21:1) e duas vezes no Antigo Testamento (Is. 65:17; 66:22). A passagem em Isaías 65 profetiza sobre uma era vindoura sobre a terra e antes do julgamento final (visto que os pecadores ainda estarão em ação) na qual haverá grandes bênçãos externas, incluindo vidas muito longas. Aqui está a passagem completa:

Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo. E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no meu povo, e *nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor*. Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; *porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado*. Eles edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos. *Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade*, porque são a posteridade bendita do SENHOR, e os seus filhos estarão com eles. (Is. 65:17-23, ênfase adicionada)

Um pós-milenista pode interpretar essa passagem literalmente: uma era vindoura de bênçãos milenares extensivas, *antes* de Jesus retornar no julgamento final. Assim pode também um pré-milenista: a era após Jesus retornar à terra, mas antes do julgamento final. Mas o amilenista não pode admitir a possibilidade de um era de amplas bênçãos literais e culturais na história. Sua escatologia nega qualquer triunfo amplo literal e cultural do Cristianismo na história. Portanto, ele tem que “espiritualizar” ou alegorizar essa passagem.

Assim, como o autor lida com essa passagem? Ele não o faz. Simplesmente a ignora. “Não está na minha Bíblia”, ele parece estar dizendo. Num livro de 233 páginas sobre os novos céus e a nova terra, não existe nenhuma discussão de Isaías 65:17-23. O índice bíblico remete o leitor às páginas 139 e 157. Na página 139 há uma referência a Isaías 65:17-25, mas nenhuma palavra de comentário. Na página 157, não existe nem referência nem comentário. O livro está cheio de milhares de referências bíblicas, mas em nenhum lugar o autor comenta sobre aquela passagem que, *mais do que qualquer outra passagem na Bíblia*, refuta categoricamente o amilenismo. Todavia,

² Archibald Hughes, *A New Heaven and a New Earth* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1958).

esse livro é considerado por teólogos amilenistas como uma apresentação erudita de sua posição. Há poucos outros livros que apresentam um caso exegético detalhado a favor do amilenismo.

A maioria das discussões amilenistas de causa e efeito ético na história está limitada à conclusão desagradável que os homens maus se tornarão mais e mais poderosos culturalmente, enquanto os justos se tornarão progressivamente mais fracos.³ Em outras palavras, a santificação progressiva do povo de Deus levará à escravidão e isolamento progressiva deles da cultura. Isso significa que a visão amilenista da história descansa sobre uma visão de causa e efeito ético na qual *o correto produz fraqueza, e a injustiça produz poder*. Essa conclusão é tão desagradável – e tão desesperadora – que os amilenistas preferem não discuti-la, o que os deixa sem uma filosofia de história publicamente articulada. A única exceção a essa visão é um ensaio de 1978 de Meredith G. Kline, no qual ele argumenta que as sanções de Deus na história são eticamente randômicas a partir do ponto de vista humano.⁴ Mas visto que vivemos numa era na qual a Igreja está na defensiva, não pode haver nenhuma esperança legítima sobre a base de Kline de uma vitória abrangente. Ele tem estado bem disposto a admitir isso.

Fonte: Trecho do prefácio de Gary North ao excelente livro *He Shall Have Dominion*, de Kenneth Gentry.

³ Essa era a visão de Cornelius Van Til, apresentada em seu livro, *Common Grace* (1947). Ele foi reimpresso pela Presbyterian & Reformed num livro maior, *Common Grace and the Gospel* (1972).

⁴ Meredith G. Kline, “Comments on an Old-New Error”, *Westminster Theological Journal*, XLI (Fall 1978), p. 184.